

## HISTÓRIA DO BEM VIVIR

YAGO LUPATINI ALMEIDA <sup>1,2\*</sup>, ROBERTA GUILHERME BARROS<sup>3</sup>, CLAITON  
MARCIO DA SILVA<sup>2,4</sup>

### 1 Introdução

O caboclo, é o sujeito resultante da misigenação entre indígenas, homens brancos e negros, que por diferente motivos apontaram na região Oeste de Santa Catarina (GROSS, 2020), para Radin e Corazza (2018), este caboclo “apresenta características étnico-raciais, socioeconômicas e culturais particulares” (p.27). Entretanto, a história tradicional somada à Guerra do Contestado e a destituição dos povos tradicionais de seus territórios, fez com que estes fossem invisibilizados por essa história, vindo a ser negada a sua importância dentro dos processos históricos de formação sócio-espacial (GROSS, 2020), sendo “oprimida por um sistema que não apenas os expropriou economicamente, mas deslegitimou suas práticas e valores” (SAVOLDI. RENK).

A Associação Puxirão Caboclo em Chapecó, nasceu a partir de um grupo denominado Movimento de Consciência Cabocla, dentre “seus objetivos, constava o de resgatar as raízes e práticas tradicionais dos caboclos e acionar favoravelmente a identidade étnica cabocla” (SAVOLDI. RENK. p.15), efetivando-se de fato no ano de 2003.

Um dos marcos da identidade cabocla é a solidariedade, assim, os mutirões são evocados como signos da solidariedade do grupo, tanto é que, em Chapecó, o nome designado à Associação cabocla é “Puxirão”, em alusão aos mutirões do passado, portanto, puxirão consiste num mutirão de trabalho para realizar uma colheita ou capinar uma plantação. (SAVOLDI. RENK. p.15)

Assim, a prática de resgatar a cultura cabocla, está relacionada a política do “*buen vivir*”, a qual, foi concebida inicialmente para os povos tradicionais da América Espanhola, no entanto, as pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas (MORETTO; SILVA; VALENTINI, 2020), argumentam que houve, no Brasil, iniciativas semelhantes de

1 Estudante do 3º ano do Ensino Médio, Escola Estadual Zélia Scharf, em Chapecó, **Bolsista** contato: yagolupatinijj@gmail.com

2 Grupo de estudos: Fronteiras: Laboratório de História Ambiental da UFFS.

3 Estudante do 3º ano do Ensino Médio, Escola Estadual Marechal Bormann, em Chapecó, **Bolsista** contato: roguibarrosgmail.com,

4 Doutor, Universidade Federal da Fronteira Sul, **Orientador**.



manutenção dos saberes e de organização, vindo na Região Sul do Brasil, ser idealizada também na cultura dos caboclos.

## 2 Objetivos

O objetivo deste trabalho, é analisar como as atividades da Associação Puxirão Caboclo em Chapecó (Santa Catarina, Brasil), são uma forma de *buen vivir*, assim, estabelecendo certa irmandade sociocultural.

## 3 Metodologia

A metodologia a ser utilizada, neste trabalho, parte da disciplina de História Ambiental, a qual nos permite uma abordagem interdisciplinar, a fim de “compreender melhor como o ser humano foi e ainda é afetado pelo ambiente natural, assim também como eles afetaram e vem afetando o meio ambiente” (WORSTER, 1991, p.200).

Para esta análise, utilizaremos de fontes referências bibliográficas, que nos auxiliam a compreender os processos históricos da inserção do povo caboclo e da sua relação com o puxirão.

## 4 Resultados e Discussão

Segundo nossa fonte bibliográfica, Inventário da cultura imaterial cabocla no oeste de Santa Catarina, publicado na Revista CEOM (Centro de memória do oeste de Santa Catarina), a criação da Associação Puxirão Caboclo em Chapecó, parte do “intuito de contribuir para uma melhor inserção dos caboclos, em uma relação mais igualitária com outros grupos étnicos que compõem o mosaico cultural da região” (2008, p.11). O “puxirão também era sinônimo de cuidar do próximo. Um ato de fazer e de organizar-se, levando em consideração o todo e não o individualismo” (BERNARDI. SOUZA. SANTO. p.99).

Para os caboclos e posseiros, o uso da terra era de caráter coletivo, não havendo o costume de cercar as áreas que ocupavam, como também a criação de animais era solta sob os pinheirais (GROSS, 2020). Assim, a luta do povo para com sua vida, era também a luta para com a terra, logo que para eles, a terra era sinônimo de vida, estando ambas interligadas, formando, aquilo que Gross (2020) chama, o "ser caboclo". Assim, de acordo com a nossa segunda fonte bibliográfica

conforme os relatos, o Puxirão acontece sem o consentimento do dono da propriedade, os participantes surpreendiam o morador de madrugada tirando-o da cama com brincadeiras jocosas. As brincadeiras continuam no decorrer do dia. Após acordar o morador, os participantes escolhem um animal para ser abatido “geralmente um porco” que será a base da alimentação do grupo. Feito isso, os homens com seus instrumentos de trabalho como foice enxada, etc., se encaminham para a roça (SAVOLDI. RENK. p.16).

## 5 Conclusão

Conclui-se, que a criação da Associação do Puxirão Caboclo em Chapecó, é uma forma de manter viva a cultura cabocla, que por muito tempo esteve invisibilizada e marginalizada.

Além disso, esse movimento tornou-se resistência frente ao avanço das culturas dos imigrantes europeus, visto que subjugarão a cultura e a religião dos caboclos que povoavam este território. Por fim, a prática do *buen vivir*, no caso dos caboclos, está relacionada ao desejo de resistência, posicionando-se contrária às práticas do processo de globalização, principalmente a exploração ambiental em larga escala.

## Referências Bibliográficas

- BORJES, Lucia Chaise. LAZARIN, Camila. MARCON, Michele Carla. Mudanças nos hábitos alimentares do caboclo de Chapecó-SC. *Demetra*; 2016; 11(2); 255-264. DOI: 10.12957/demetra.2016.14375
- GROSS, Cristina Buratto. A invisibilização do povo caboclo de Santa Catarina: algumas permanências da Guerra do Contestado. II Congresso Brasileiro da Guerra do Contestado. IV Colóquio de Geografias Territoriais Paranaenses. XXXVI Semana de Geografia da UEL. ISSN 1884 –929X. Ano 2020. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/contestado/article/view/935/1359>
- MORETTO, Samira Peruchi. SILVA, Claiton Marcio da. VALENTINI, Delmir José. “Árvore é quase bicho, e bicho é quase gente”: os caboclos da América Subtropical e um Buen Vivir alternativo. *Boletim Historiar*, vol. 07, n. 03. Set./Dez. 2020. p. 57-79. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>
- MORETTO, Samira Peruchi. BRANDT, Marlon. Paisagens caboclas: agricultura e criação de animais no oeste de Santa Catarina. Ironita Adenir Policarpo Machado, Diego José Baccin, João Carlos Tedesco (ed). *Mundo rural, regiões e fronteiras no processo de (re)apropriação territorial e agrária*. Passo Fundo: EDIUPF, 2019.
- Joaquim Shiraishi Neto e Marlon Aurélio Tapajós Araújo. “Buen vivir”: notas de um conceito constitucional em disputa, *Pensar*, Fortaleza, v. 20, n. 2, p. 379-403, maio/ago. 2015, p. 380-381.
- SAVOLDI, Adiles. RENK, Arlene A. Territorialidades cruzadas: a construção das identidades indígenas e caboclas no Oeste Catarinense. 36º Encontro Anual da Anpocs GT11 - Estudos rurais e etnologia indígena: diálogos e intersecções.
- SOUZA, Maria de; BERNARDI, Luci dos Santos; SANTOS, Jorge Alejandro. Sobre “ser

caboclo”: as vozes de caboclos do Oeste catarinense. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 77, p. 88-107, dez. 2020.

**Fontes:**

CEOM, Centro de memória do oeste de Santa Catarina. Inventário da cultura imaterial cabocla no oeste de Santa Catarina. Chapecó: Argos, 2008.

SAVOLDI, Adiles. RENK, Arlene A. Territorialidades cruzadas: a construção das identidades indígenas e caboclas no Oeste Catarinense. 36º Encontro Anual da Anpocs GT11 - Estudos rurais e etnologia indígena: diálogos e intersecções.

**Palavras-chave:** História Ambiental; Caboclos; Oeste Catarinense.

**Nº de Registro no sistema Prisma:** PES- 2021-0390

**Financiamento**

PIBIC - EM CNPQ

EDITAL Nº 122/GR/UFFS/2021